

Arhão Henrique Ramos da Silva²

Resumo: Este artigo busca analisar como Pausânias, a partir da obra reunida sob o título "Descrição da Grécia," no século II d.C., retrata a Grécia sob domínio romano, resgatando a memória cultural mesmo durante a subjugação. Defendemos que sua descrição recria o sistema-memória grego por meio de ruínas e monumentos, evocando o passado idealizado da Grécia. Defendemos como Pausânias busca exaltar tal passado, promover a coesão entre os gregos e apresenta a Grécia contemporânea como um "museu a céu aberto", conectando-se com a memória histórica. O período Antonino contemporâneo ao autor é considerado como uma "era de ouro", destacando as artes e o meio intelectual, apesar de profundas divisões sociais relacionados ao contexto do domínio romano.

Palavras-chave: Pausânias; memória; Grécia romana.

**PAUSANIAS, MEMORY, AND THE IDEALIZED PAST OF GREECE UNDER THE
ROMAN EMPIRE (2ND CENTURY AD).**

Abstract: This article aims to analyze how Pausanias, through the work compiled under the title "Description of Greece," in the 2nd century AD, depicts Greece under Roman rule, reclaiming cultural memory even during subjugation. We argue that his description recreates the Greek memory system through ruins and monuments, evoking an idealized past of Greece. We contend that Pausanias seeks to exalt this past, promote cohesion among the Greeks, and presents contemporary Greece as an "open-air museum," connecting with historical memory. The Antonine period, contemporary to the author, is considered a "golden age," emphasizing the arts and intellectual milieu, despite profound social divisions related to the context of Roman rule.

Keywords: Pausanias; memory; Roman Greece.

¹ Este artigo é parte de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada "O que os deuses revelam os deuses recordam: A evocação da memória cultural grega a partir do motivo oracular e da temática divinatória na 'Descrição da Grécia' de Pausânias" defendida em 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/11600/69118>. Acesso em: 25 jan. 2024.

² Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: arhaohenrique@gmail.com.

Os escritos preservados de Pausâncias, conhecidos como "Descrição da Grécia," compreendem uma obra em dez Livros dedicados à Grécia continental. A obra se concentra na descrição minuciosa de cada região, a partir da seguinte ordem: Livro I – Ática; Livro II – Corinto; Livro III – Lacônia; Livro IV – Messênia; Livro V – Élis I; Livro VI – Élis II; Livro VII – Acaia; Livro VIII – Arcádia; Livro IX – Beócia; e Livro X – Fócida e Lócrida Ozoliana.

Para além das descrições geográficas, Pausâncias oferece uma narrativa histórica para cada região, abrangendo desde os mitos fundadores até o contexto contemporâneo ao autor, situado no século II d.C. (c. 155 – 180 d.C.).³ Seu interesse particular por monumentos artísticos, notadamente estátuas, relíquias e templos, permeia toda a obra.

Este artigo busca analisar como a narrativa de Pausâncias, situada no século II d.C., apresenta uma imagem da Grécia sob o jugo romano, habilmente resgatando a memória cultural grega mesmo diante da dominação política. Veremos como seu propósito busca exaltar o passado glorioso da Grécia e fomentar a coesão entre os gregos, mesmo diante das tensões internas e externas.

³ Tal datação aproximada não se configura como consenso. Ela é baseada em referências cronológicas presentes no texto como, por exemplo, a proposição de Bowie (2001) sobre a menção do término do Livro I antes da construção do Odeão de Heródes Ático em Atenas em c. 160 d.C. (7.20.6) e da defesa do término da obra em torno de 180 d.C., argumentando que Pausâncias não menciona o governo solo de Cômodo após a sucessão de Antonino Pio por Marco Aurélio, além da diferença de abordagem entre os dois (BOWIE, 2001, p. 21-22; FRANCISCO, 2017, p. 287). Habicht (1998) menciona como indício de referência para a datação da obra a passagem 5.1.2, a qual aponta a data de 217 anos após Júlio César refundar a cidade de Corinto como colônia romana, destruída em 146 a.C., sendo que a cidade foi refundada em 44 a.C., logo, a passagem teria sido escrita em 174 d.C., durante o reinado de Marco Aurélio. Outro indício seria a passagem 8.43.6, na qual é recordada a vitória de Marco Aurélio sobre os germânicos, datada em 175 d.C. (KNESSL, 1969, p. 107 apud HABICHT, 1998, p. 9). Com isso, a passagem dificilmente teria sido escrita após 180 d.C., já que Marco Aurélio é o último imperador mencionado por Pausâncias. Já sobre a periodização inicial relativa à *Descrição da Grécia*, Habicht menciona não haver tanta clareza quando Pausâncias começou a escrever (HABICHT, 1998, p. 9-10).

A série *Cultural Memory and Identity in Ancient Societies* (2011), editada por Martin Bommas, aborda discussões sobre estudos relacionados à antiguidade e ao conceito de memória cultural no campo da História. Bommas inicia discutindo o 70º aniversário do primeiro ataque aéreo alemão à Grã-Bretanha em 2010, destacando três tipos de memória associados a esse evento: individual, social e cultural. O autor destaca a importância da memória individual enquanto os sobreviventes estão vivos, mas ressalta a transição para a memória social à medida que o conhecimento pessoal da Segunda Guerra Mundial desaparece (BOMMAS, 2011, p. 1-2).

Bommas diferencia memória cultural e memória social, alertando que a última pode idealizar o passado se não levar em conta conflitos e poder. Ele define cultura⁴ e memória⁵, e com isso explora a noção de memória cultural em sociedades antigas, enfatizando como grupos de poder podem influenciar a construção do passado coletivo. (BOMMAS, 2011, p. vii-viii).⁶

⁴ Para Bommas: "Cultura, como uma série de atitudes compartilhadas, valores e práticas que caracterizam um grupo ou sociedade – moderna bem como antiga – é, em grande extensão, baseada na construção e transmissão de memórias." "Culture as a set of shared attitudes, values and practices that characterizes a group or society – modern as well as ancient – is to a large extent based on the construction and transmission of memories." (BOMMAS, 2011, p. vii).

⁵ Segundo o autor: "Memória é um fenômeno que – por definição – é diretamente relacionado ao presente." "Memory is a phenomenon that – by definition – is directly related to the present." (BOMMAS, 2011, p. vii).

⁶ Grifos nossos: "Divergente de abordagens coletivas e individuais do passado, a memória cultural descreve um processo que emerge de eventos distantes e colaterais que surgem apenas em formas padronizadas uma vez que um grupo ou sociedade tenham concordado sobre eles; [...] Quando lidar com sociedades antigas, a Memória Cultural pode ser utilizada como uma ferramenta para descobrir e identificar esta presença contemporânea do passado no interior das sociedades antigas; [...] Quando investigar memória cultural de sociedades do passado, as questões essenciais são como e o que as sociedades antigas recordaram sobre eventos que modelaram a formação da identidade delas, e como elas edificaram sobre memórias consentidas para criar um presente coletivo; [...] A fim de permitir a memória cultural construir um passado coletivo, grupos de poder podem encorajar e promover a recordação, marginalizar memórias individuais, iniciar reinterpretações ou ainda instruir ativamente o esquecimento." "Differing from collective and individual approaches to the past, cultural memory describes a process that emerges from distant and collateral events and only appears in standardized forms once a group or society has agreed upon them; [...] When dealing with ancient societies, Cultural Memory as a tool can be used to disclose and

A discussão é embasada nas ideias de Jan Assmann, egiptólogo alemão, a partir de seu livro *Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance and Political Imagination*, que introduziu o conceito de memória cultural na História Antiga em 1992 (BOMMAS, 2011, p. vii).

Assmann define memória cultural como o conjunto de textos, imagens e rituais que estabiliza e transmite a autoimagem de uma sociedade ao longo do tempo, influenciando sua identidade cultural. Bommas destaca a relevância dessa definição para compreender as memórias históricas compartilhadas e identidades nas sociedades antigas (ASSMANN, 1995, p. 126; 1997, p. 16; 2006, p. 220 apud BOMMAS, 2011, p. 3-4).

Vejamos como a abordagem a seguir reforça a importância da memória cultural, conforme definida por Assmann e destacada por Bommas, na compreensão das complexas interações entre diferentes grupos sociais e na formação de identidades coletivas ao longo do tempo.

Partindo de um panorama sobre o declínio hegemônico da Grécia e a ascensão do domínio romano sobre o Mediterrâneo, o historiador italiano Arnaldo Momigliano, em suas conferências publicadas sob o título *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa* (1991), discorre acerca das relações culturais entre tais grupos sociais ao longo do período helenístico. O autor investiga a percepção dos gregos sobre os respectivos grupos em relação a eles próprios (MOMIGLIANO, 1991, p. 13).

Momigliano aponta que a confrontação dos gregos com essas quatro culturas no período helenístico foi um “acontecimento intelectual de primeira categoria” (MOMIGLIANO, 1991, p. 10). Para o autor, a novidade desse

identify this contemporary presence of the past within ancient societies; [...] When investigating cultural memory of past societies, key questions are how and what ancient societies remembered about events that shaped the formation of their identity, and how they built on agreed memories to create a collective present; [...] In order to allow cultural memory to construct a collective past, groups of power can encourage and promote remembering, marginalize individual memories, initiate reinterpretation or even actively instruct forgetting.” (BOMMAS, 2011, p. vii-viii).

período foi a de proporcionar circulação internacional às ideias, mesmo sendo capaz de reduzir o “impacto revolucionário” (MOMIGLIANO, 1991, p. 16).

A respeito da interação cultural entre os gregos e tais grupos sociais,⁷ o autor comenta acerca da forte e rápida influência de Roma, a partir de sua expansão no século II a.C., no Mediterrâneo. Momigliano defende a ideia de um forte impacto romano sobre variados povos mediterrânicos e adjacentes no âmbito das relações intelectuais: “assim que no século II a.C. o poder romano começou a ser sentido fora da Itália. A influência de Roma sobre as mentes daqueles que entraram em contato com ela foi rápida e forte” (MOMIGLIANO, 1991, p. 13).

Sobre o poderio militar dos conquistadores, o autor afirma que “a superioridade romana residia na capacidade de substituição – ou seja, na capacidade de sobreviver à derrota em uma ou mais batalhas [...]” (MOMIGLIANO, 1991, p. 44-45).

Podemos extrair das considerações de Momigliano a estratégia de “guerra perpétua” como elemento da dominação e consolidação do poder, a guerra como a mantenedora da ordem e a essência da organização do império. Em suas palavras, os romanos “tinham de ser mantidos ocupados pela

⁷ Podemos relacionar a interação cultural apontada por Momigliano à noção de identidade discutida por Jonathan Hall em *Quem eram os gregos* (2001). Hall argumenta que a autoidentificação dos gregos mudou ao longo do tempo, identificando dois momentos-chave para compreender a identidade helênica. O primeiro ocorre no século VI a.C., exemplificado pela tradição genealógica, que sugere que a identidade grega foi construída pela percepção de semelhanças com outros grupos (HALL, 2001, p. 219). O segundo ponto de inflexão se dá no século V a.C., marcado pela mudança na relação dos gregos com o oriente, especialmente durante as guerras Pérsicas (HALL, 2001, p. 219). Anteriormente, o oriente era visto como exótico e fascinante, mas agora os gregos definiam sua identidade em termos de diferenças e em oposição aos grupos externos e bárbaros (HALL, 2001, p. 220). Essa mudança exigia uma definição mais concreta da especificidade grega, além das afinidades genealógicas. Hall retoma a definição de identidade grega de Heródoto, que inclui descendência, língua, religião e costumes, destacando que essa definição reflete um projeto deliberado de Heródoto, em vez de apenas uma reflexão sobre as atitudes de sua época (HALL, 2001, p. 220-221).

guerra, porque senão todo o arcabouço da organização romana desmoronaria" (MOMIGLIANO, 1991, p. 46).

A partir do conceito de memória cultural, podemos compreender elementos fundamentais presentes em fonte primárias, segundo Bommas, com a possibilidade de inserir a *Descrição da Grécia* de Pausânias para além de uma recepção passiva dos meios de comunicação transmitidos à ele, mas sim como mudança criativa nos processos culturais ligados ao presente, ou seja, ao seu contexto.

O excerto abaixo faz parte do Livro VIII da *Descrição da Grécia*, a respeito da cidade de Tegea, na região da Arcádia:

Não muito longe da ágora há um teatro, e perto dele há pedestais de estátuas de bronze, mas as próprias estátuas não existem mais. Em um pedestal tem uma inscrição elegíaca de que a estátua é de Filopêmen. A memória desse Filopêmen é muito estimada pelos gregos, tanto pela sabedoria por ele mostrada, quanto pelas suas corajosas conquistas [...]. Ele desejou ter como o modelo de sua vida Epaminondas, sua sabedoria e suas conquistas, mas não conseguiu chegar à sua altura em nenhuma circunstância (8.49.1; 8.49.3).⁸

Tanto Filopêmen quanto Epaminondas são duas figuras históricas. Epaminondas é uma das figuras responsáveis pela vitória de Tebas sobre o domínio espartano em 371 a.C. - a batalha de Leuctra, que desde 382 a.C. exercia seu domínio sobre os tebanos após o fim da guerra do Peloponeso. Essa vitória sobre os espartanos, sela a hegemonia tebana até o final dos anos 360 a.C. (LEFÈVRE, 2013, p. 228).⁹

Podemos perceber a relação das duas figuras históricas face ao que restou de seus monumentos. Pausânias dá a entender que os pedestais estavam próximos um do outro. Filopêmen comandou a Liga, então aliada de Roma, quando a potência estava na ascensão de seus domínios sobre a Grécia:

⁸ As citações da 'Descrição da Grécia' de Pausânias apresentam traduções livres a partir da edição de W.H.S. Jones, com consultas ao texto grego (Loeb Classical Library Volumes).

⁹ Para um panorama a respeito da hegemonia tebana ver: LEFÈVRE, 2013, p. 228-233. Para a guerra do Peloponeso: p. 188-202.

Na Grécia [...], depois do declínio da Etólia, o último Estado com alguma envergadura é a liga aqueia, aliada de Roma e então governada por Filopêmen, que Plutarco qualificará de “o último dos gregos”. Pela força, em 188 (a.C.) ele consegue submeter Esparta [...]. Mas Filopêmen morre na guerra contra a secessão de Messênia [...] (LEFÈVRE, 2013, p. 301).

A respeito da passagem, James I. Porter em seu texto *Ideals and Ruins: Pausanias, Longinus, and the Second Sophistic* (2001), comenta a principal característica da memória e como ela se apresenta ao longo da *Descrição da Grécia*, de acordo com o que discutiremos nesta seção. Trata-se da evocação do passado idealizado da Grécia e ao período de glória, característico do movimento arcaizante ao qual Pausânias se insere, o da Grécia sob domínio do império romano no século II d.C. De acordo com o autor,

A identidade da Grécia existe em um sistema de símbolos. A descrição de Pausânias, por sua vez, recria o sistema-memória da Grécia. Ruínas, fundações, meias-memórias, ecos, vozes não ouvidas e objetos perdidos são as plantas baixas, por assim dizer, da ‘Grécia’: eles são sua arqueologia. Grande parte da Descrição de Pausânias circula compulsivamente em torno desses objetos-traço, que são intrinsecamente dignos de menção e lembrança (ἀξιόχρεα), literalmente ‘entregues à memória’ (παρείχετο ἐς μνήμην [8.32.2]), como se seu único propósito fosse documentar o caráter ‘agora desaparecido’ da Grécia. (PORTER, 2001, p. 70).¹⁰

Tratando mais especificamente de uma comparação entre Pausânias e Longino, Porter traz a discussão ligada ao imaginário cultural inserido no movimento da Segunda Sofística, com um idealismo sobre o passado glorioso da Grécia não mais existente. Para o autor, “cada um em seu jeito próprio escreve um guia dos grandes monumentos da Grécia. Ao fazê-lo, eles compartilham e exibem um imaginário cultural que é típico dos escritores

¹⁰ “The identity of Greece exists in this system of tokens; Pausanias’s description, in turn, recreates the memory-system of Greece. Ruins, foundations, half-memories, echoes, unheard voices, and missing objects are the floor plans, as it were, of “Greece”: they are its archaeology. Much of Pausanias’s Description compulsively circles around such trace-objects, which are intrinsically worth mentioning and remembering (ἀξιόχρεα), literally “handed over to memory” (παρείχετο ἐς μνήμην [8.32.2]), as though their sole purpose were to document the “now gone” character of Greece.”

Gregos no período Imperial agrupados convencionalmente juntos sob a rubrica da 'Segunda Sofística' [...]" (PORTER, 2001, p. 63).¹¹

Através do "imaginário cultural" descrito por Porter, podemos tomar um exemplo de como um acontecimento narrado por Pausânias insere-se nas características do idealismo de um passado grego não mais existente: o saque de Sula.

No Livro I, sobre a Ática e a região de Atenas, Pausânias conta sobre uma via, após o Pritaneu, chamada Trípodes (*Trípodes*). Nela, junto a vários monumentos (1.20.1), há um templo de Dionísio (1.20.2) e o que Pausânias afirma ser uma réplica da tenda de Xerxes, que foi reconstruída por conta da antiga ter sido incendiada pelo general romano Sula em 86 a.C, quando tomou Atenas (1.20.4).

A partir daí, é iniciada uma digressão sobre o episódio, analisado por Fábio Augusto Morales em Atenas e o Mediterrâneo romano: espaço, evergetismo e integração, inserido no contexto da "Primeira Guerra Mitridática (88-86)" (MORALES, 2015, p. 197).

De acordo com o autor, o episódio do saque de Sula sobre Atenas¹² é importante já que trata da questão política face à dominação e à influência romana, tanto na Grécia, quanto no Mediterrâneo. Para Morales,

A conversão da diplomacia ateniense para a causa mitridática em 88, os governos pró-mitridáticos de Athenion e Aristion, e a invasão de Sula são momentos centrais para a reflexão do modo pelo qual a história urbana ateniense é engajada e entrelaçada nas transformações ligadas à rearticulação do Mediterrâneo oriental sob dominação romana, assim como às transformações da própria república romana (MORALES, 2015, p. 197).

Nota-se a abordagem do autor a respeito da relação do episódio, mais especificamente ligada à "história urbana ateniense", e suas transformações envolvendo a geopolítica, tanto da Grécia quanto de Roma.

¹¹ "Each in his own way writes a guidebook to the great monuments of Greece. In doing so, they share and exhibit a cultural imaginary that is typical of Greek writers in the Imperial period who are conventionally grouped together under the rubric of the 'Second Sophistic,' [...]."

¹² Lúcio Cornélio Sula (MORALES, 2015, p. 197).

O acontecimento é bastante documentado pela tradição textual, evidenciado por Morales. Para além de Pausâncias, o autor traz outras fontes em que o episódio é mencionado (MORALES, 2015, p. 197 – 198).¹³

A respeito do acontecimento, evidenciam-se alguns fatores como o peso dos tributos nas províncias pelos romanos (LEFÈVRE, 2013, p. 311). Nota-se, dentro da nossa proposta para situar o texto de Pausâncias, justamente o fator inserido na questão do idealismo sobre o passado grego:

Soma-se a tudo isso, entre os gregos, o sentimento de estarem desamparados ante a arbitrariedade da superpotência romana, sendo que nos séculos passados as cidades haviam conseguido sair-se honrosamente num mundo multipolar e, no final das contas, relativamente equilibrado, em que os grandes se neutralizavam passavelmente (LEFÈVRE, 2013, p. 312).

Muitas cidades gregas ficaram a favor de Mitridates VI Eupátor, rei do Ponto Euxino. A propaganda Dinástica pode ser inserida na mitologia, neste caso, da ascendência Dinástica de Mitridates VI a Dionísio e Perseu.

Quanto às doações, podem ser inseridas nas características do evergetismo, de acordo com Morales. Maria Pretzler defende que “as cidades gregas no seu período dependiam de seus benfeiteiros privados¹⁴, e que isso era visto como um dever de um homem rico contribuir generosamente” (PRETZLER, 2007, p. 25).¹⁵

No caso específico de Atenas, “apesar de indefectível aliada de Roma até então, mas que há algum tempo vinha atravessando uma crise econômica [...] e institucional, [...] em 88/7, Mitridates foi escolhido como arconte epônimo” (LEFÈVRE, 2013, p. 313).

¹³ Por exemplo, Posidônio (I a.C.) *Histórias*, citado por Ateneu (c. II – III a.C.) *Banquete dos Sofistas* (Livro V, 211d-215b); Estrabão (c. I a.C. – I d.C.) *Geografia* (9.1.15,20); Plutarco (c. I – II d.C.) *Vida de Sula* (13-14), *Vida de Lúculo* (19.6), *Vida de Numa* (9.4-5), *Sobre o atraso da punição divina* (558c) e *Preceitos políticos* (809e); Tácito (II d.C.) *Anais* (2.55.1); Apiano (II d.C.) *Guerras Mitridáticas* (28.40); Floro (II d.C.) *Epítome de História Romana* (I.40.10); Tito Lívio (II – IV d.C.) *Periodiae* (81); Eutrópio (IV d.C.) *Breviário de História Romana* (5.6.1); Orósio (V d.C.) *História contra os pagãos* (6.2.4-5); Pseudo-Aurélio Vitor (IV d.C.) *Livro sobre os homens ilustres da cidade de Roma* (75.7). (MORALES, 2015, p. 197 – 198).

¹⁴ Podemos nos referir aos “benfeiteiros privados” mencionados por Pretzler como os evergetas.

¹⁵ “Greek cities in this period relied on their private benefactors.”

Apontada como causa da guerra uma nova agressão de Nicomedes¹⁶ em 89 a. C (LEFÈVRE, 2013, p. 312), Pausâncias evidencia para os leitores que sua narrativa se restringirá à captura de Atenas (1.20.4) e prossegue:

Havia um Ateniense, Aristion, proclamado embaixador de Mitridates para as cidades Gregas. Ele persuadiu os Atenienses a se filarem a Mitridates ao invés dos Romanos, porém não todos, apenas os desordenados da população. Mas existiram os Atenienses que decidiram ficar ao lado dos Romanos (1.20.5).

Sobre a passagem referente ao massacre, veremos como ela possui vários elementos interessantes, tanto a respeito de como Pausâncias se refere à Sula, quanto aos elementos míticos, o que parece ser uma espécie de lição moral acerca de uma doença que acometeu o general, face à morte do suplicante no templo, de caráter ímpio, além da menção ao oráculo de Delfos envolvendo a memória desse acontecimento. Segundo ele,

Quando Sula retornou à Ática, aprisionou no Cerameico os Atenienses que se opuseram a ele, e ordenava a execução de um escolhido em cada dez. Sula não diminuiu sua raiva contra os Atenienses, alguns homens escaparam para Delfos e perguntaram se a condenação e a desolação de Atenas já haviam chegado, recebendo da Pítia a resposta sobre os odres (askós).¹⁷ Depois Sula foi acometido por uma doença, a qual eu aprendi que atacou Ferécides de Siro¹⁸. Contudo, o tratamento de Sula para com os Atenienses foi muito selvagem para ter sido feito por um romano. Mas a causa não foi esta, e sim a ira dos Suplicantes, pois arrastou Aristion do santuário de Atenas, onde se refugiou e o matou (1.20.6; 1.20.7).

Na sequência, Pausâncias conclui: “Dessa maneira, Atenas foi tristemente afigida por conta da guerra com Roma, porém ela novamente prosperou quando Adriano se tornou imperador” (1.20.7). Ainda segundo Morales, em relação ao episódio acima, “[...] à selvageria de Sula, se oporia o filatenismo de Adriano, encerrando um longo período de estagnação” (MORALES, 2015, p. 221).

¹⁶ Nicomedes IV Filopátor (? - 74 a.C), rei da Bitínia, aliado de Roma.

¹⁷ Espécie de bolsa de couro, utilizada para guardar bebidas.

¹⁸ Pré-socrático.

Concordamos com Morales quando o autor aponta as referências negativas à Sula em comparação às positivas ao imperador Adriano¹⁹. Pausânias menciona algumas dedicatórias e construções de Adriano ao longo da *Descrição da Grécia*,²⁰ tarefas que certamente quis dar destaque. Ao concluir a passagem, Pausânias afirma que Atenas floresce novamente sob o imperador Adriano. Vimos como elementos míticos²¹ dão uma espécie de moral à história. Uma punição divina, a ira dos suplicantes, face ao sacrilégio de Sula para com o suplicante Aristion.

Há na *Descrição da Grécia* um viajante percorrendo o mundo grego, porém tanto o mundo de Pausânias e a Grécia descrita por ele são romanos. É no fim do mundo helenístico que Roma caminha para a provincialização dos territórios gregos a partir de 168 a.C. A Macedônia sob a dinastia Antigônida é desmembrada e torna-se tributária de Roma (LEFÈVRE, 2013, p. 303-305). As cidades gregas, federadas em forma de ligas, não conseguem se equiparar ao império em constante ascensão (LEFÈVRE, 2013, p. 340-341).

Podemos apontar como um marco a respeito da dominação romana sobre a Grécia o acontecimento da derrota da Liga Aqueia por Roma em 146 a.C., conforme mencionado no início desta seção, ao passo que a pesquisadora Johanna Akurjärvi assinala a importância dada pelo autor da *Descrição da Grécia* a respeito da história da Liga Aqueia no Livro VII (7.7.1 a 7.16.10), nos dando inclusive um panorama característico da abordagem de Pausânias ao longo da obra (AKUJÄRVI, 2005, p. 266):

Como é sempre o caso com a *Periegesis*, o narrador está marcadamente mais interessado no passado do que no presente. Particularmente é dado muito espaço para uma análise de uma parte da introdução histórica para a Acaia, a qual é uma narrativa dos

¹⁹ Públia Élio Adriano, imperador romano de 117 a 138 d. C.

²⁰ 1.18.6; 1.42.5; 2.17.6; 6.19.9; 8.10.2; 8.11.8; 8.22.3; 10.35.4; por exemplo.

²¹ Compreendemos aqui como elementos míticos aqueles relacionados à esfera religiosa presente no texto de Pausânias, menos do que um contraponto ao relato “histórico”, e mais como um elemento característico da narrativa. No excerto, consideramos o elemento mítico o fato de Pausânias apontar a causa da doença que acometeu Sula à ira dos Suplicantes, inserido no relato histórico.

eventos que levam para a conquista Romana da Confederação Aqueia (AKUJÄRVI, 2005, p. 265).²²

A respeito do acontecimento, Pausânias menciona que os muros das cidades que entraram em guerra contra Roma foram destruídos por Múmio.²³ Quando os conselheiros enviados por Roma chegaram,

[...] derrubaram as democracias e estabeleceram governos hereditários sob estimativa de propriedade. Pagamento de tributo foi imposto à Grécia e os que possuíam riquezas foram proibidos de adquiri-las no exterior. Cada confederação, tanto dos acaios, ou dos fócios, ou dos beóciros, quanto de outros gregos, foram todas destruídas (7.16. 9).

Pausânias, logo em seguida, historiciza o acontecimento narrando que alguns anos depois Roma restaurou as confederações gregas e revogou os tributos impostos por Múmio:

Poucos anos depois, os romanos se apiedaram da Grécia, restauraram as várias confederações antigas, com o direito de adquirir propriedade no estrangeiro, e remeteram as multas impostas por Múmio. Pois ele ordenou que os beóciros pagassem cem talentos ao povo de Heracleia e Eubeia, e os aqueus a pagarem duzentos aos lacedemônios. Embora os romanos tenham concedido aos gregos a remissão desses pagamentos, até hoje um governador romano é enviado ao país. Os romanos o chamam de governador, não da Grécia, mas da Acaia, porque a causa da sujeição da Grécia foram os aqueus, naquela época à frente da Grécia [...] (7.16.10).

O excerto expõe a nós características interessantes da narrativa de Pausânias sobre o contexto da dominação romana sobre a Grécia e sua geopolítica. Os aqueus devem pagar tributo aos espartanos por terem se voltado contra Roma. A memória da Liga Aqueia – a federação – parece estar mais presente, neste caso, do que o pan-helenismo, o governador romano é chamado de “governador da Acaia”, e não “da Grécia.”

²² “As is always the case with the Periegesis, the narrator is markedly more interested in the past than the present. Particularly much space is given to an analysis of a part of the historical introduction to the Achaica, which is a narrative of the events that led to the Roman conquest of the Achaean Confederacy.”

²³ Lúcio Múmio Acaio. Eleito cônsul em 146 a.C. Recebe o nome de Acaio, por conta da vitória sobre a Liga Aqueia, no mesmo ano.

Ainda se referindo ao episódio acima, ele traz elementos tanto da religiosidade quanto seleções de memória:

Foi o tempo em que a Grécia sofreu de grande debilidade, entretanto, partes da Grécia, desde o princípio, têm sofrido injúrias e ruínas pelos deuses. Argos, cidade que alcançou seu apogeu no tempo dos heróis, como eram chamados, foi deixada para trás pela boa fortuna dos Dórios. O povo da Ática, passada a guerra do Peloponeso e a praga levantaram-se novamente, para serem derrotados anos depois pela ascendência macedônica (7.17.1; 7.17.2).

Após serem feitas referências a Argos e à Ática, o texto segue sobre o apogeu da Macedônia e Esparta (7.17.2). A partir desses excertos, podemos identificar elementos característicos como as várias temporalidades trazidas aos leitores: o antiquarianismo trazido à tona e a religiosidade sempre presente, como uma espécie de fio condutor capaz de trazer sentido à narrativa. Com isso, a partir da noção de memória cultural podemos perceber elementos característicos não apenas do texto ou do autor, mas sim do contexto em que a *Descrição da Grécia* se insere.

Apesar da espécie de saudosismo e idealização do passado hegemônico da Grécia exposto acima por Pausânias, Momigliano trata da forte e rápida influência de Roma a partir de sua expansão no século II a.C (MOMIGLIANO, 1991, p. 13-14).

A despeito da hegemonia romana sobre a Grécia, Momigliano discute como esse saber cultural grego em vez de ser suprimido e até mesmo apagado, a favor dos conquistadores, foram “assimilados” e integrados em uma cultura helenística, já que “os romanos resolveram decifrar os gregos, tentaram aprender a língua, aceitaram deuses gregos e reformularam a sua constituição segundo orientações que alguns gregos reconheceram como semelhantes às suas próprias constituições” (MOMIGLIANO, 1991, p. 20).

Graham Anderson, partindo de autores latinos inseridos no movimento da Segunda Sofística como Aulo Gélio (125 d.C. – 180 d.C.), Favorino (80 d.C. - 160 d.C.) e Apuleio (c. 125 d.C. – c. 170 d.C.), discute como “mesmo nos círculos culturais mais elevados, há evidências não apenas de um bilinguismo

florescente, mas também de um biculturalismo florescente (ANDERSON, 1993, p. 122).²⁴ Segundo o autor “o sofista como *desultor litterarum*, um acrobata literário, é capaz de demonstrar sua habilidade de pular de um idioma para o outro” (ANDERSON, 1993, p.123).²⁵

Além da difusão da escrita alfabetica pelos romanos, Momigliano aponta tal difusão também pelos povos celtas, face à influência da colônia grega de Massália. Há indícios tanto em Estrabão (4.1.5) quanto em César (Comentários sobre a Guerra Gálica 1.29 e 6.14) (MOMIGLIANO, 1991, p. 55).

Ao se referir a Suetônio e a Cícero, Momigliano endossa que antes da retórica latina se tornar respeitável, a grega fazia parte da vida romana, onde “o grego se tornou praticamente compulsório para a sustentação do império romano (MOMIGLIANO, 1991, p. 25).” A respeito da hegemonia sobre a Grécia, o autor narra que “os romanos puseram fim às lutas sociais nas cidades gregas e deram aos ricos uma garantia implícita de sobrevivência” (MOMIGLIANO, 1991, p. 34).

Com a exposição de tal cenário, buscamos demonstrar como a memória cultural grega persistiu e influenciou a cultura helenística, apesar da hegemonia romana sobre a Grécia. Momigliano destaca como os romanos assimilararam elementos da cultura grega em sua própria sociedade, como a língua, os deuses e até mesmo aspécitos da constituição. Isso sugere que a memória cultural grega não foi suprimida, mas sim integrada e preservada dentro da cultura helenística. Da mesma forma, Anderson mostra como, mesmo nos círculos culturais mais elevados da época, havia uma fluidez entre os idiomas e culturas grega e latina. Isso evidencia um biculturalismo crescente, onde os sofistas demonstravam sua habilidade em transitar entre

²⁴ “Even in the highest cultural circles there is evidence not only of a flourishing bilingualism but of a flourishing biculturalism as well.”

²⁵ Grifo do autor. “The sophist as *desultor litterarum*, a literary acrobat, is able to demonstrate his ability to leap from one language to the other.”

os dois idiomas, refletindo a continuidade e a influência mútua das memórias culturais grega e romana na sociedade helenística.

Concordamos com Habicht ao afirmar que Pausânias relata pouca coisa sobre seu próprio tempo (século II d.C.) e sobre o Império Romano. Ao mencionar o interesse de Pausânias, o autor utiliza da expressão “história da Grécia independente”,²⁶ ou seja, o seu interesse a respeito da história está nos eventos anteriores a 146 a.C., principalmente sobre as guerras contra os persas, porém narra bastante sobre o domínio macedônico e os sucessores de Alexandre o Grande no período helenístico (HABICHT, 1998, p. 102-103).

Habicht cita a passagem onde Pausânias afirma que a Grécia deixou de prover bons homens com a morte do último deles, Filopêmen, em 183 a.C. (HABICHT, 1998, p. 113). Vimos a respeito dele no início desta seção. Veremos, pois o relato de Pausânias na íntegra parece exemplificar o que foi exposto no parágrafo anterior:

Depois disso, a Grécia deixou de prover bons homens. Pois Miltíades, filho de Címon, venceu na batalha os invasores estrangeiros que haviam desembarcado em Maratona, deteve o avanço do exército persa, e assim se tornou o primeiro benfeitor de toda a Grécia, assim como Filopêmen, filho de Craugis, foi o último. Aqueles que antes de Miltíades realizaram feitos brilhantes, Codro, o filho de Melanto, Polidoro o espartano, Aristômenes o messênio, e todos os outros, serão notados como tendo ajudado cada um a sua própria região e não a Grécia como um todo (8.52.1).

A passagem demonstra como Pausânias parece ser adepto da questão do pan-helenismo, não apenas por evocar os benfeiteiros de toda a Grécia (*euergétēs koinēi tēs Helládos*), mas também por distingui-los de outros que segundo ele próprio serão notados como benfeiteiros de locais específicos, como Messênia e Esparta.

Isso sugere uma inserção na memória cultural compartilhada que valoriza os feitos individuais que contribuíram para a coesão e identidade pan-

²⁶ “[...] history of independent Greece [...].”

helênica, em contraste com aqueles que são percebidos como tendo beneficiado apenas regiões específicas.

Em seguida, enaltece àqueles que estavam liderando os gregos nas batalhas contra os persas, novamente uma possível evocação do pan-helenismo e da memória da vitória contra os invasores:

Depois de Miltíades, Leônidas, filho de Anaxandrides, e Temístocles, filho de Neocles, repeliram Xerxes da Grécia²⁷, Temístocles pelas duas lutas marítimas, Leônidas pela ação nas Termópilas. Mas Aristides, filho de Lisímaco, e Pausânias, filho de Cleombroto²⁸, comandantes em Plateia, foram impedidos de serem chamados de benfeiteiros da Grécia, Pausânias por suas faltas subsequentes, Aristides por sua imposição de tributo na ilha grega; pois antes de Aristides todos os gregos eram imunes ao tributo (8.52.2).

Nesse trecho Pausânias nitidamente enaltece as duas figuras históricas como modelo – Leônidas e Temístocles – em contrapartida àqueles que devido as suas próprias ações desmedidas, foram retirados do pedestal de modelo de acordo com a tradição evocada por Pausânias – Aristides e Pausânias, nesse sentido, excluídos dessa memória.

Pausânias continua a enaltecer os benfeiteiros da Grécia nas guerras pérsicas. Desta vez, dois espartanos, junto ao que parece ser uma certa repulsa e censura aos espartanos que se voltaram contra Atenas na guerra do Peloponeso:

Xântipo, filho de Arifron, com Leotíquides, o rei de Esparta, destruiu a frota persa em Mícale²⁹, e com Címon realizou muitas façanhas invejáveis em nome dos gregos. Mas aqueles que participaram da guerra do Peloponeso contra Atenas, especialmente os mais ilustres deles, podem ser considerados assassinos, quase destruidores, da Grécia (8.52.3).

Na sequência da passagem anterior (8.52.2), de modo semelhante, enaltece mais duas figuras históricas importantes na memória da vitória grega contra os persas – Xântipo e Leotíquides, porém em contrapartida, ressalta os espartanos participantes da guerra do Peloponeso como antagonistas dos

²⁷ “480 a.C.” Nota do editor (JONES, 1935, Vol. IV, p. 157).

²⁸ “479 a.C.” Nota do editor (JONES, 1935, Vol. IV, p. 157).

²⁹ “479 a.C.” Nota do editor (JONES, 1935, Vol. IV, p. 157).

benfeiteiros espartanos vitoriosos tanto em Mícale, quanto àqueles que realizaram “façanhas invejáveis em nome dos gregos” - Xântipo e Címon.

Portanto, Pausânias parece evocar, de um modo geral, uma identidade grega pan-helênica em contrapartida à conflitos entre gregos já que, mencionando uma passagem da *Descrição da Grécia*, Habicht declara a vitória macedônica na batalha da Queroneia (338 a.C.) e o domínio sobre a Grécia, como consequência da guerra do Peloponeso (HABICHT, 1998, p. 112).

Na passagem do Livro III sobre a região da Lacônia, Pausânias faz sua crítica: “a Grécia, que ainda se mantinha firme, foi abalada até os alicerces por esta guerra³⁰, e depois, quando a estrutura cedeu e estava longe de ser sólida, foi finalmente derrubada por Filipe, filho de Amintas” (3.7.13).³¹

Pausânias parece, com isso, ir ao encontro de um assunto comum na literatura grega desde Isócrates, que era aclamar a necessidade de união entre os gregos, nos moldes das guerras pérsicas contra um inimigo comum. Justamente os conflitos entre os próprios gregos e a desunião ocasionada pela guerra do Peloponeso foram responsáveis pela subjugação da Grécia ao domínio estrangeiro, neste caso, ao domínio macedônico.

Nesse sentido, podemos inferir que, apesar de Pausânias parecer evocar uma ânsia de união entre os gregos, ele aparenta evocar tanto as guerras internas à Grécia quanto as externas, como possíveis memórias da liberdade da Grécia como um todo, intrinsecamente conectada ao pan-helenismo.

Plutarco, por outro lado, tem uma abordagem diferente de Pausânias. Apesar de ambos os autores colocarem em comparação o passado e o presente, o primeiro em seu texto *Praecepta Gerendae Reipublicae, Preceitos do Estadismo* escreve a respeito de condutas como uma espécie de guia e

³⁰ Ou seja, a guerra do Peloponeso.

³¹ Ou seja, Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre.

conselhos para aqueles que exercem atividades inseridas no exercício da política, na vida e em cargos públicos. Nele, o autor parece ter uma atitude de esquecimento das guerras, tanto externas quanto internas:

E ao ocupar qualquer cargo, você não deve apenas lembrar aquelas considerações que Péricles lembrou a si mesmo quando assumiu o manto de general: 'Cuidado, Péricles; você está governando homens livres, você está governando gregos, cidadãos atenienses', mas você também deve dizer a si mesmo: "Você que governa é um súdito, governando um Estado controlado por pro-cônsules, os agentes de César; 'estes não são os lanceiros da planície'³², nem esta antiga Sardes, nem o famoso poder lídio." Você deve arrumar seu manto com mais cuidado e, do escritório dos generais, manter seus olhos no palco dos oradores, e não ter muito orgulho ou confiança em sua coroa, pois você vê as botas dos soldados romanos logo acima de sua cabeça. [...] Emulando atos como esses, ainda hoje é possível se parecer com nossos ancestrais, mas Maratona, Eurimedonte, Plateia e todos os outros exemplos que fazem o povo em vão se inflar de orgulho e chutar os calcanhares devem ser deixados para as escolas dos sofistas (Plutarco, *Preceitos do Estadismo*, 17).

Se por um lado podemos perceber em Pausânias uma certa atitude de evocação da liberdade grega no passado, em Plutarco, por outro lado, tais questões envolvendo o pan-helenismo parecem passar ao largo. Plutarco, ao invés de parecer evocar um sentimento de liberdade grega como faz Pausânias, parece ironizá-la.

Para Plutarco, o manto de general governando homens livres na época de Péricles torna-se um manto de súdito através do qual não se pode ter confiança nem no cargo que ocupa, muito menos em sua coroa. Os cargos ocupados na vida pública têm os soldados romanos "logo acima de sua cabeça." As evocações do passado em que a Grécia era livre e inflam de orgulho, "devem ser deixados para as escolas dos sofistas." Será que para Plutarco, Pausânias deveria ser colocado em alguma das escolas dos sofistas?

Dando continuidade à evocação dos benfeiteiros da Grécia (8.52.3), Pausânias retorna à figura de Epaminondas (8.49.1; 8.49.3), de acordo com a discussão do início desta seção:

³² "Sófocles, *As Traquínias*, 1058." Nota do editor (FOWLER, 1936, Vol. 10, p. 237).

Quando a nação grega foi reduzida a uma condição miserável, recuperou-se sob os esforços de Conon³³, filho de Timóteo, e de Epaminondas, filho de Polímnis, que expulsou as guarnições e governadores lacedemônios e derrubou o governo dos dez,³⁴ Conon das ilhas e costas, Epaminondas das cidades do interior. Ao fundar também cidades de grande fama, Messênia e Megalópolis Arcadiana, Epaminondas tornou a Grécia mais famosa. Reconheço também Leóstenes e Arato benfeiteiros de todos os gregos. Leóstenes, apesar da oposição de Alexandre, trouxe de volta em segurança para a Grécia, por mar, a força de mercenários gregos na Pérsia, cerca de cinquenta mil em número, que haviam descido para a costa. Quanto a Arato, relatei suas façanhas em minha história de Sícião³⁵ (8.52.4; 8.52.5).

Na sequência, Pausânias cita a inscrição contida no pedestal da estátua de Filopêmen, encerrando o assunto:

A inscrição na estátua de Filopêmen em Tegea é assim: - “O valor e a glória deste homem/ são famosos em toda a Grécia,/ que realizou muitas conquistas pela força/ e muitas por seus conselhos./ Filopêmen, o lanceiro Arcadiano, o qual alçou grande renome./ Quando ele comandou as lanças na guerra./ Testemunha são dois troféus, ganhos dos despotas/ De Esparta; a onda crescente de escravidão ele manteve./ Por que Tegea erigiu na pedra o filho de grande coração de Craugis,/ Autor de liberdade irrepreensível.” Essa é a inscrição em Tegea sobre Filopêmen (8.52.6; 8.53.1).

Com isso, vemos nessas passagens como Pausânias buscou exaltar o passado glorioso da Grécia a partir da evocação da memória das figuras históricas gregas e de grandes feitos, típicas da *historia magistra vitae*. Ao se deparar com o pedestal da estátua de Filopêmen (8.49.1; 8.49.3), ele inicia uma longa digressão a respeito dos benfeiteiros da Grécia a partir de uma temática pan-helênica, a qual Pausânias parece querer evocar: “Reconheço

³³ “394 a.C.” Nota do editor (JONES, 1935, Vol. IV, p. 157).

³⁴ “370-369 a.C.” Nota do editor (JONES, 1935, Vol. IV, p. 159).

³⁵ “2.8.1.” Nota do editor (JONES, 1935, Vol. IV, p. 159). Segundo Pausânias, “Arato (271-213 a.C.)” Nota do editor (JONES, 1918, Vol. I, p. 289), “cujas realizações eclipsaram as de todos os gregos contemporâneos” (2.8.1). “Arato restaurou a igualdade de direitos políticos aos sítônios, fazendo uma barganha para os exilados; devolveu-lhes as casas e todas as outras posses que haviam sido vendidas, compensando os compradores com seu próprio bolso. Além disso, como todos os gregos tinham medo dos macedônios e de Antígo, o guardião de Filipe, filho de Demétrio, ele induziu os sítônios, que eram dórios, a se juntar à Liga Aqueia. Ele foi imediatamente eleito general pelos aqueus, e liderando-os contra os locrianos de Anfissa e para a terra dos etólios, seus inimigos, ele devastou seu território” (2.8.3; 2.8.4).

também Leóstenes e Arato benfeiteiros de todos os gregos (*eīnai dè apántōn Hellénōn kai Leosthénēn títhemai kai Áraton euergétas*)" (8.52.5).³⁶

De acordo com a abordagem do historiador a respeito de um olhar crítico sobre uma fonte, podemos ser capazes de investigar elementos do contexto de produção da *Descrição da Grécia* refletidos na obra de Pausânias.

Ele percorreu e descreveu uma região que fazia parte do mundo romano, propício à viagens e favorável à *paideia* grega, próprios do filelenismo conforme discutido acima e exposto por Momigliano. Podemos perceber a Grécia contemporânea a Pausânias como um “museu a céu aberto” capaz de propiciar um “recuperação do passado” conectada à “memória histórica da Grécia”, como apontam Céline Guilmet e George Tolias em *Following Pausanias: The Quest for Greek Antiquity*. (GUILMERT; TOLIAS, 2007, p. 18).

Guilmert e Tolias apontam o “orgulho patriótico”³⁷ de Pausânias, também mencionado por Habicht, como condizente com o panorama filelênico dos imperadores Antoninos (96-192 d.C.) e com

o papel central que a cultura grega exerceu para a elite romana do século II d.C. [...]. Suas descrições, enquanto buscam extrair os traços de história preservada em um ponto particular, surgem como um tesouro da memória coletiva. Todos os tipos de monumentos trabalham na obra de Pausânias como veículos de memória [...] (GUILMERT; TOLIAS, 2007, p. 18).³⁸

³⁶ Grifo nosso.

³⁷ Há a necessidade de ressaltarmos que o “orgulho patriótico” mencionado por Guilmert e Tolias difere substancialmente da noção de patriotismo inserido nos nacionalismos e nas formações dos estados nacionais que tiveram seu apogeu no século XIX (Para a temática, ver: ANDERSON, 2008; HOBSBAWM, 2012; HOBSBAWM, 2013). O termo orgulho patriótico parece assemelhar-se à noção de pan-helenismo, porém em um sentido mais conectado à noção de identidade discutida por Hall na nota 7 acima. Nesse sentido, poderíamos inferir que o pan-helenismo está mais ligado à identificação dos gregos enquanto possuidores de uma cultura comum como critério agregador, em sobreposição à descendência étnica para a definição de helenidade (HALL, 2001, p. 224). Já ao orgulho patriótico, temos a visão de que estaria ligado a essa noção de helenidade em diálogo com a autoidentificação dos gregos, como autoafirmação relativa à dominação romana.

³⁸ “the central role that Greek culture played for the Roman élite of the 2nd century AD [...]. His descriptions, as they attempt to elicit the traces of history preserved at a particular spot,

Y. A. Pikoulas discute os imperadores Antoninos, sendo eles Nerva (96-98); Trajano (98-117); Adriano (117-138); Antonino (136-161); Marco Aurélio (161-180) e Cômodo (180-192)³⁹, como os mais filelênicos. A região leste do império romano composta pela Grécia; os Balcãs; a Ásia menor; o Oriente Médio e o Egito, “agora passaram para o centro do palco e alcançaram tanta prosperidade material e intelectual que pode apenas ser comparada ao tempo de Alexandre e seus sucessores” (PIKOULAS, 2007, p. 26).⁴⁰

Podemos perceber a relação entre o filelenismo da era Antonina com a expansão do helenismo a partir do período de Alexandre o Grande. Pikoulas ressalva que apesar do período Antonino figurar como uma “era de ouro” tanto para o império romano quanto para a Grécia oriental, principalmente em relação às artes, o meio intelectual e as reformas públicas com as de Adriano, por exemplo, há uma divisão social profunda entre as minorias da elite e a precária condição de vida da maior parte da população (PIKOULAS, 2007, p. 27).

Antes mesmo de Pikoulas, Christian Habicht também alude sobre a “era de ouro” do período, levando em conta uma espécie de abordagem a respeito da memória, através da qual “Pausânias poderia lamentar o passado mesmo tendo vivido confortavelmente no presente, o mundo romano de seus dias, em paz, seguro, próspero e livre de grandes tensões, um tempo rotulado pela posteridade como a era de ouro da antiguidade” (HABICHT, 1998, p. 125-26).⁴¹

Maria Pretzler também nos apresenta um panorama semelhante sobre o período:

emerge as a treasury of collective memory. All sorts of monuments function in Pausanias' work as memory vehicles [...].”

³⁹ Todas as datas aqui mencionadas são d.C.

⁴⁰ “[...] now passed to center-stage and achieved such material and intellectual prosperity that can only be compared to that of the time of Alexander the Great and his successors.”

⁴¹ “Pausanias could regret the past even as he lived comfortably in the present, the Roman world of his on day, at peace, secure, prosperous, free of major tensions, a time labeled by posterity the Golden Age of antiquity.”

A vida no Império Romano no tempo de Pausâncias significava segurança, prosperidade e, para a classe alta da província, uma influência crescente dentro do império. Nesse período, uma proporção crescente da elite provincial obteve a cidadania romana, e não era mais impossível para um grego alcançar o status de senador, ou mesmo o consulado (PRETZLER, 2007, p. 28).⁴²

Pausâncias, em uma passagem bastante interessante, comenta tanto a respeito das restaurações do imperador Antonino quanto à questão da cidadania romana no período. Em um provável tom de elogio ao imperador, narra que as cidades da Lícia (local mais provável de Pausâncias), Cária, Cós e Rodes, foram restauradas por Antonino após um violento terremoto atingir a região:

Essas cidades também foram restauradas pelo imperador Antonino, que estava muito ansioso para reconstrui-las, e dedicou grande quantia a essa tarefa. Quanto às suas doações em espécie para os gregos, e para os não-gregos que precisavam, e seus edifícios na Grécia, Jônia, Cartago e Síria, outros escreveram sobre eles com exatidão. Mas há também outro memorial dele, deixado por ele próprio. Havia uma certa lei segundo a qual provincianos que fossem eles próprios de cidadania romana, enquanto seus filhos eram considerados de nacionalidade grega, eram forçados a deixar suas propriedades para estranhos ou a permitir que aumentassem a riqueza do imperador. Antonino permitiu que todos dessem aos filhos sua herança, preferindo mostrar-se benevolente do que manter uma lei que aumentava suas riquezas. Os romanos chamavam esse imperador de Pio, porque ele se mostrava um homem muito religioso (8.43.4; 8.43.5).

Pretzler nos dá uma pista sobre o teor desta passagem, no tocante à lei mencionada. Para a autora, Pausâncias “parece particularmente impressionado com Antonino Pio por permitir que os cidadãos romanos deixassem sua fortuna para filhos que não tinham cidadania (PRETZLER, 2007, p. 28).”⁴³

⁴² “Life in the Roman empire of Pausanias’ time meant security, prosperity and, for the provincial upper class, a growing influence within the empire. In this period an increasing proportion of the provincial élite obtained Roman citizenship, and it was no longer impossible for a Greek to reach senatorial status, or even the consulship.”

⁴³ “Pausanias seems particularly impressed with Antoninus Pius for allowing Roman citizens to leave their fortune to sons who did not themselves have citizenship.”

Na sua continuação sobre a passagem, a autora afirma que “parece provável que Pausânias tivesse algum interesse pessoal nessa mudança específica da lei, mas isso é tudo o que ele diz sobre a cidadania romana - não o suficiente para permitir quaisquer conclusões sobre sua própria condição de cidadão” (PRETZLER, 2007, p. 28).⁴⁴

Porém não concordamos com Pretzler, pois acreditamos que não se trata particularmente de uma impressão de Pausânias a respeito da lei em si, sobre a qual a autora não nos dá nenhum suporte que corrobore sua afirmação, mas sim mais um exemplo das políticas de Antonino que ele quer enaltecer, como a passagem anterior parece deixar claro (8.43.4), ao nosso ver, com um provável teor de exaltação. Evocar a memória cultural da Grécia e o seu passado glorioso é exaltar aquilo que já não está mais presente sob o domínio romano.

A soma dessa série de fatores acima elencados resultam nas características da memória presentes na *Descrição da Grécia*, que conectada à “predileção pelo antigo era exatamente ao gosto do período”⁴⁵, como nos aponta Habicht (1998, p. 127).

Considerações Finais

Neste artigo defendemos como a descrição de Pausânias recria o sistema-memória da Grécia. No contexto da *Descrição da Grécia*, defendemos que Pausânias retrata um mundo grego sob domínio romano, evocando a memória da cultura grega mesmo durante a subjugação política. A partir da noção de memória cultural segundo Bommas (2011), procuramos compreender como Pausânias busca exaltar o passado glorioso da Grécia e promover a união entre os gregos, apesar dos conflitos internos e

⁴⁴ “It seems likely that Pausanias had some personal interest in this particular change in the law, but this is all he ever says about Roman citizenship – not enough to allow any conclusions about his own citizen status.”

⁴⁵ “[...] a predilection for the old was exactly to the taste of the time.”

externos. A Grécia contemporânea a Pausâncias é vista como um “museu a céu aberto” que permite a recuperação do passado e a conexão com a memória histórica.

Referências

AKUJÄRVI, Johanna. *Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis*. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005.

ANDERSON, Graham. *The Second Sophistic: A Cultural Phenomenon in the Roman Empire*. London and New York: Routledge, 1993.

BOMMAS, Martin. *Cultural Memory and Identity in Ancient Societies*. London and New York: Continuum, 2011.

GUILMET, Celine; TOLIAS, George. Introduction. In: GEORGOPOLOU, Maria; GUILMET, Celine. *Following Pausanias: the quest for Greek antiquity*. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 17-23.

HABICHT, Christian. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998.

LEFÈVRE, François. *História do Mundo Grego Antigo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Os *limites da helenização*: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

MORALES, Fábio Augusto. *Atenas e o Mediterrâneo romano: espaço, evergetismo e integração (200 a.C.–14 d.C.)*. 2014. 429f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAUSANIAS. *Pausanias Description of Greece with an English Translation by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes*. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd; Vol. I, 1918; Vol. II, 1926; Vol. III, 1933; Vol. IV, 1935.

PIKOULAS, Y.A. The Antonines. In: GEORGOPOLOU, Maria; GUILMET, Celine. *Following Pausanias: the quest for Greek antiquity*. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 26-27.

PLUTARCH. *Praecepta Gerendae Reipublicae*. In.: *Moralia*. with an English Translation by. Harold North Fowler. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1936. 10.

PORTER, James I. Ideals and Ruins: Pausanias, Longinus, and the Second Sophistic. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). *Pausanias: travel and Memory in Roman Greece*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 63-92.

PRETZLER, Maria. *Pausanias: travel writing in Ancient Greece*. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007.